

Nostalgia e política em João Ribeiro (1860-1934)

Por ROGERIO ROSA RODRIGUES¹

Resumo: Intelectual sergipano que buscou fazer a vida no Rio de Janeiro no final do século XIX, João Batista Ribeiro de Andrada Fernandes foi militante em prol da Proclamação da República no Brasil. Ele atuou na imprensa carioca com artigos favoráveis a Floriano Peixoto, no entanto, uma década depois se confessa monarquista. Nesse interim João Ribeiro viajou à Europa e ficou muito impactado com a cultura histórica alemã do final do século XIX. Embora mais identificado com a filologia e a literatura, ingressou no colégio Pedro II como professor de História Universal e publicou em 1900 um manual de história que o consagrou ao *métier des historiens*. Este trabalho tentará mapear os elementos que contribuíram para a mudança da perspectiva política de João Ribeiro. Para tanto, recorrerá às memórias, correspondências e fortuna crítica do intelectual.

Em meio às efemérides do quarto centenário de chegada dos portugueses ao Brasil ocorrida no ano de 1900, o poeta e filólogo João Ribeiro lançou o manual didático chamado *História do Brasil* com a seguinte inscrição na capa “Para uso das escolas e liceus”. Foi por meio desse manual que João Ribeiro foi reconhecido como historiador. Tal reconhecimento ocorreu imediatamente após a publicação do livro que no mesmo ano de seu lançamento teve duas edições, uma pela editora Cruz Coutinho pertencente a Jacintho Ribeiro dos Santos, e outra chamada de Edição do centenário pela Francisco Alves, ambas esgotadas em poucos meses. Em 1901 saiu a segunda edição e em 1909 a terceira com revisões efetuadas pelo autor.

O sucesso desse manual foi atribuído a capacidade de Ribeiro em fazer uma síntese da história nacional a partir de seu desenvolvimento interno, incluindo a participação das populações negras e indígenas na constituição da identidade nacional, ou seja, na contramão de uma história administrativa e de ocupação territorial que tinha os portugueses como agentes privilegiados, tal como efetuado por Francisco Adolfo de Varnhagen com sua *História Geral do Brasil*. No entanto, como bem observou Patricia Hansen, embora Ribeiro tenha reconhecido “a necessidade da inclusão de agentes até então menosprezados na história ampliando o conceito de nação [...], o que se percebe na leitura do livro é que esta contribuição terá sempre um valor negativo” (HANSEN, 2000:129).

¹ Doutor em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professor de Departamento de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Pesquisa realizada com subsídio financeiro do Edital Universal do CNPq intitulada: O espírito germânico em terra brasílica: João Ribeiro e a cultura histórica alemã.

Esse não foi o primeiro manual de história publicado por Ribeiro. Dois anos após assumir a cadeira de história da civilização e história Brasil do Ginásio Nacional - Colégio Pedro II - lançou o livro *História Antiga: oriente e Grécia* (1892), no entanto, foi graças ao manual de história do Brasil, na versão chamada de curso superior, que conheceu sua consagração entre os historiadores. Ela ocorrera, como dito acima, imediatamente, e se prolongaria pelas décadas seguintes, de tal forma que de toda a vasta produção de Ribeiro *História do Brasil: curso superior* seria a mais longeva, sendo instituído até a década de 1960 como obra de leitura fundamental em concursos realizados no país (GASPARELLO, 2004:165).

Os caminhos desse sucesso pode ser medido tanto pelas reedições, pela recepção crítica e pelo próprio reconhecimento do autor como historiador. Patricia Hansen (2000), por exemplo, destacou o fato dele ter ultrapassado o público escolar, servindo de referências para diversos autores; Cice Bittencourt (2008) analisou as noções de tempo e espaço presentes no manual; Arlette Gasparello (2004) investigou o que denominou “a pedagogia da nação” impressa nos manuais didáticos e inseriu o livro de Ribeiro em uma fase em que a nação é pensada a partir dos elementos internos.

Gostaria de me ater em aspecto pouco explorado pela historiografia interessada em João Ribeiro: o momento psicológico em que o autor redigiu a obra. Não pretendo, com isso, explicar o texto pelo contexto, mas lançar algumas questões que possam auxiliar na compreensãodo momento de produção e, quiçá, iluminar os debates em torno da contribuição que o livro deu à historiografia brasileira. Além disso, acredito, um desvio pela questão da nostalgia, revela um traço biográfico do autor, e por outro expressa o impacto que a vida e a produção intelectual europeia, particularmente alemã, teve na vida e obra posterior de João Ribeiro. Em que medida isso influenciou diretamente na forma como construiu a história do Brasil é matéria que merece ser aprofundada, mas que não tem como desenvolver nos limites deste trabalho.

João Ribeiro e a Alemanha

A breve temporada passada por João Ribeiro na Europa marcou profundamente sua perspectiva intelectual. No momento de redação do manual didático – 1900 - o autor trazia a saudade dos tempos vividos em Berlim e lutava para conseguir um cargo público que o permitisse viver com a família na Europa. O Brasil, como dissera em correspondência ao amigo Graça Aranha, o sufocava:

*Depois que vim de lá [da Europa], bem o sabes, nunca me pude curar da nostalgia da Europa. Achei logo na volta esse Brasil irrespirável mas tudo acostuma neste mundo, até a própria asfixia. Vou já readquirindo o meu pulmão antigo, as minhas guelras com que faço e utilizo a minha atmosfera difícil. Respiro, todavia...*²

Essa carta foi escrita no momento em que redigia o seu manual didático. A nostalgia da Europa tomava o escritor e o deixava descrente até mesmo diante da possibilidade do amigo ler os seus livros. Nas páginas finais da missiva deixou registrado: “Estou escrevendo um livrinho didático (H. do Brasil, para as escolas) mandar-te-ei um exemplar (como lembrança, já se vê por que não o lerás)”.³

Cabe, portanto, aprofundar os aspectos dessa nostalgia. Suas correspondências a Graça Aranha servirão de referência para a reflexão, mas antes, cabe uma breve descrição de sua trajetória.

João Ribeiro chegou ao Rio de Janeiro em 1880, contava 20 anos de idade. Em 1885 foi aprovado em concurso para secretário na Biblioteca Nacional e em 1890 foi nomeado professor de História do Colégio Pedro II. Em abril de 1895 partiu para a Europa em delegação oficial. O ministro da Justiça o nomeou representante do Brasil no Congresso de Propriedade Literária de Dresden. Ribeiro fixou residência, junto com mulher e filhos, em Berlim por dois anos. Nesse período foi incumbido de estudar a instrução pública na Europa, tendo visitado a Inglaterra, a França e a Itália.

Seu deslumbramento com o velho mundo é registrado em carta enviada a Max Fleuiss:

Tem esta por fim dizer a vocês que Berlim é a cidade mais bela, mais elegante, mais limpa, mais extraordinária, mais suntuosa do orbe inteiro [...]. Aqui, por efeito do clima talvez, dei para mentiroso que é uma lástima. Tenho engrandecido esse Brasil que em literatura eu chamo o ‘Brasil amado’ mas que eu detesto cordialmente. (apud HANSEN, 2000:29).

Em sua temporada na Europa, toma contato com a cultura histórica alemã. Em o *Fabordão*,⁴ por exemplo, reproduz um ensaio sobre Nietzsche escrito em 1896. Seu conhecimento sobre as obras de Goethe são estreitados.⁵ Conforme depoimento de Mucio Leão (1962), também

² Carta a Graça Aranha, 17 de janeiro de 1900. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

³ Idem.

⁴ Livro de ensaios de João Ribeiro publicado originalmente em 1910 pela editora Garnier e reeditado em 1964 pela Livraria São José.

⁵ João Ribeiro publicou diversos estudos sobre Goethe nas páginas da imprensa brasileira. Os trabalhos foram reunidos em livro publicado em 1932.

aproveitou sua estadia em Berlim para estudar pintura com o professor Wildeburd Winck. Essa era uma das suas maiores paixões e ambições em termos profissionais.

Ao retornar ao Brasil em 1897 o Rio de Janeiro vivia o clima conturbado do fim do governo de Prudente de Moraes e o rescaldo da traumática guerra movida contra Antônio Conselheiro e seus seguidores no sertão baiano. Além disso, uma greve de cocheiros tomou a capital do Império em 1900, com combates sangrentos e clima de guerra que marcou a cidade. O episódio aparece registrado por Ribeiro entre as pausas que fez entre a escrita do manual didático, a pintura e os momentos que dedica a escrever para os amigos.

Desprovido de recursos financeiros, mas bem relacionado intelectualmente, João Ribeiro foi eleito como membro da Academia Brasileira de Letras e recebido por José Veríssimo nessa instituição em 1898. No discurso de recepção o autor registra:

A grande distinção que acabais de dar-me, recendo-me na vossa companhia, alterou-me por assim dizer as forças mesmas do meu espírito. Enobrecido e exaltado por ela, sinto que se apagou de mim o pessimismo – aquela parte furtiva da alma, que é a substância dolorosa e cobarde do nosso ser, aquela que nos grande momentos de humilhação se entremostra em desesperos inertes e em estéreis renúncias e se reabsorve afinal na indiferenças irremediável. Ao mesmo tempo sinto que ela edificou e deu relevo a tudo quanto meu espírito possuía de forte e varonil e concentrou numa só convergência as minhas esperanças, as esperanças maiores que de tempo imémoro venho laboriosamente preparando, acreditando sem fé numa vida superior (apud HANSEN, 2000:21).

Com a acuidade de pesquisadora exemplar, Patricia Hansen identificou no discurso acima o que denominou de traços de sua personalidade: “soa não só negativa como pessimista sua visão da sociedade brasileira, e de fato o pessimismo era um traço da personalidade de João Ribeiro, traço que fazia parte tanto de sua auto-imagem quanto daquela que seus contemporâneos faziam dele” (HANSEN, 2000:21). A autora relaciona tal caráter ao momento histórico vivido pela geração desiludida com as promessas republicanas, as mesmas que desencantaram Euclides da Cunha, Lima Barreto e tantos outros intelectuais do período. O fato de Ribeiro não conseguir um cargo oficial no exterior contribuiu, conforme observou Hansen, para tal desilusão. Eu juntaria o fato de que tal discurso ocorreu logo após seu retorno da Alemanha. Esse momento foi de grande impacto em Ribeiro, que em correspondência com o amigo Graça Aranha registrou:

*Sabes que não gosto do atual Brasil. O único laço que me prende a ele é o Imperador; porque não posso separar a minha pátria do Império. Cessando de crer n'um deles, cessarei de crer no outro. E quando isso eu verificar, emigrarei com os meus deuses, não sei para onde [...]. É o que devem fazer os vencidos, se escapam do massacre triunfante. Por isso mesmo resolvi nada escrever contra a República e depus a pena, até que os próprios republicanos iniciem a reação. Demais, não tenho prestígio para falar e não quero falar em vão.*⁶

Mas retomando o momento em que foi recebido na ABL, merece registro o fato de José Veríssimo comentar a disposição psicológica de Ribeiro:

Elegendo-vos, não cuidou a Academia fazer-vos favor tão grande que por ele se apagasse em vós o pessimismo [...]. No sentido comum, o pessimismo é talvez a fonte de todo o progresso, se não de todo bem. É a expressão de um descontentamento que procura melhor. Cultivemo-lo, pois, como a flor de um fruto substancial. E se fosse, como dizeis, a Academia teria o pesar de vos haver privado de um dos encantos do vosso espírito. (apud HANSEN, 2000: 22)

As palavras de Veríssimo, ao que parece, se concretizaram, pois foi a partir da nostalgia da Europa, ou dos traços geral de um “pessimismo congênito” aflorado pelas decepções políticas e desejo de retornar em definitivo ao velho mundo, que Ribeiro redigiu o livro que o consagraria como historiador. Não cabe, nos limites deste texto, explorar em que medida tal pessimismo seria incorporado na síntese histórica que o autor fez da história do Brasil. Mas esse temperamento parece se manifestar na introdução que redigiu para o seu livrinho, ao afirmar: “[...] como os europeus, depois dos árabes, perdendo os seus últimos preceptores, o Brasil terá que andar sozinho, e desabitado do trabalho, ganhar o pão amargo da vida chamada independente”(RIBEIRO, 1901: XX). Nota sombria para um manual dedicado a educação dos jovens e à glorificação da história. Essa introdução foi redigida em abril de 1900, ou seja, poucos meses depois da correspondência em que declara a Aranha ter nostalgia da Europa.

Na carta de janeiro de 1900 também demonstra não querer mais frequentar as rodas sociais dos amigos, até mesmo aquelas que desfrutava com intelectuais com os quais tinha afinidade:

⁶ Carta a Graça Aranha, 17 de janeiro de 1900. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

Devo a franqueza de dizer-te que não vou quase nunca à Revista. Desde julho ou agosto [1899] que fui espaçando o meu aborrecimento ali até que desertei de todo. Isso talvez te vá intrigar, porque não compreendes bem o meu gênio. Tem-me sucedido desertar um lugar que frequentava dantes e faço-o sem razão clara ou razão suficiente como diziam os filósofos. Mas eu divido o governo dos meus atos entre a razão e não sei que obscuros instintos. Acho que é um perigo entregar-me todo à razão; e a minha não é tão esclarecida que eu possa tudo fiar dela fechando ouvidos dos meus instintos. Faço essa perífrase é para dizer que “deu-me na veneta não ir mais lá”. E deixei de ir. E só isso; porque os amigos que lá se reúnem são os mesmos e as nossas relações continuam dignas e afetuosas como dantes.⁷

Nas correspondência e ensaios que publicou deixa vaziar suas leituras de Nietzsche, Schopenhauer e Oscar Wilde. Em crítica elogiosa sobre o manual didático publicada por Araripe Junior, a cultura história germânica é destacada:

Pintor, músico, poeta, formado em Direito, o autor da História do Brasil, que já manejava com vantagem os métodos de ensino ingleses, agora, depois de uma estada de dois anos na Alemanha, comissionado pelo Governo para estudar os processos de ensino superior da História, surpreende-nos com uma feição nova e carregada desse gênio paradoxal que, na pátria de João Paulo Richter, tem produzido, senão arrebatamento ao professorado, os mais cintilantes e originais dos seus escritores. Assim sucedeu, entre outros, a Schopenhauer, a Max Stirner, e mais recentemente a Frederico Nietzsche, sendo que este é o que se pode dizer verdadeiramente a transfiguração de um gramático e filólogo num poeta de largo Remígio. Pois bem, João Ribeiro assimilou esse espírito característico da literatura alemã; e não o fez em balde, porque hoje não hesita em o por ao serviço do ensino da História Geral da Civilização e do Brasil, dando aos seus novos trabalhos o encanto que só o homem de letras, dedicado ao magistério, ou o privat-dozent, educado à moderna, na Filologia clássica, consegue imprimir nesses manuais insígnies que são a glória da pedagogia do século. (ARARIPE JR, 1901: VI-VII).

Nesse período nosso personagem residia no bairro de Santa Teresa, Rua do Oriente, n. 8 e desde sua chegada de Berlim preferia o abrigo familiar, os livros e a pintura às rodas sociais. Com o passar dos dias a “nostalgia da Europa” é potencializada. Situação que nem

⁷ Carta a Graça Aranha, 18 de janeiro de 1900. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

mesmo o sucesso do livrinho ajudou a amainar. Em junho do mesmo ano escreve novamente a Graça Aranha e pede que interceda junto a Joaquim Nabuco para que consiga um cargo no exterior que seja superior a 12 meses. Na verdade, pensa em fixar residência na Europa. Mas adverte que tem que ser remunerado, pois o salário que ganhava do Ginásio Nacional não era suficiente para viver fora do país, mesmo porque, tem que levar consigo mulher e 4 filhos. Ele cogita a hipótese de seguir na frente para preparar o abrigo, mas a família não poderia tardar em partir, pois acabara de nascer o filhinho de nome João.

Nessa carta, redigida a 7 de junho de 1900, volta a registrar seu desencanto com a capital do império:

*Estou fatigado do Rio de Janeiro: letras, artes (que não há) e política, sobre o que há mais de um ano deixei de pensar. Neste mês entro nos meus quarenta anos como animal macróbio e inútil. Tenho pavor ao fazer esse retrospecto da vida de que se salvam apenas alguns versos dispensáveis e uma facecia didática que o meu povo tomou a sério.*⁸

O manual didático que ele nomeou antes como “livrinho” e agora como “facecia didática” teve êxito surpreendente, mas nem isso foi o bastante para acalmar a angústia do escritor. Ele sempre retoma a imagem de alguém que está asfixiado: “Agora vai haver uma recepção na Academia [...] e que será um respiro no meio dessa atmosfera de fogo. De fogo, disse, porque o Brasil queima e nada resiste a essa eterna oxidação que aliás como o mesmo inferno não deixa de criar sonhos aos seus expatriados”.⁹

Ribeiro acreditava que a questão de sua partida seria solucionada rapidamente, no entanto, o silêncio do amigo Graça Aranha se prolongou para além do esperado. Em novembro aparece totalmente desolado:

*Foi-me preciso tomar um grande fôlego de coragem para começar a escrever estas linhas... De certo! Escrevi-te ao abrir de junho, com um desejo e uma importunação, e até hoje (que lonjura!) não de arranquei sequer uma palavra. Não sei que coisas irrespondíveis te escrevi eu”.*¹⁰

Ao fim, retoma a mesma imagem da asfixia: “Nada tenho nada a dizer-te daqui. Tudo vai bem, exceto que eu não respiro”.¹¹ O tempo passou, e em 1901 Ribeiro fez nova viagem a Europa, no entanto, durou poucos meses. Seu desejo de fixar-se fora do país não se

⁸ Carta a Graça Aranha, 7 de junho de 1900. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

⁹ Idem.

¹⁰ Carta a Graça Aranha, 9 de novembro de 1900. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

¹¹ Idem.

concretizou. Partiu com a família para Suíça somente em 1914, dessa feita, com recursos próprios e ambicionando fixar residência permanente. Mas os fogos da guerra mundial o obrigou a retornar.

Amargurado pela política, imerso em suas leituras, refugiou-se cada vez mais nas pesquisas de arquivo, nas memórias do passado. Seus trabalhos voltados para a crítica documental, filologia e folclore tomavam longas jornadas nas bibliotecas em companhia de obras raras e de personagens esquecidos. Ao menos com eles, parece, João Ribeiro conseguia respirar.

Referências bibliográficas

ARARIPE JR. Tristão de Alencar. João Ribeiro: Filólogo e historiador (Prólogo). In: RIBEIRO, João. *História do Brasil: curso superior*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Cruz Coutinho, 1901.

BITTENCOURT, Circe. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GASPARELLO, Arlette Medeiros. *Construtores de identidades: a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira*. São Paulo: Iglu, 2004.

HANSEN, Patricia Santos. *Feições e fisionomia*. A história do Brasil de João Ribeiro. Rio de Janeiro: Access, 2000.

LEAO, Mucio. Prefácio. In: RIBEIRO, João. *Crítica: clássicos e românticos brasileiros*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1952.

LEAO, Mucio. *João Ribeiro*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1962.

RIBEIRO, João. *Cartas devolvidas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960. [1. Edição 1926]

_____. *Crítica: historiadores*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1961.

_____. *História do Brasil: curso superior*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Cruz Coutinho, 1901.

_____. *Goethe: notas apressadas de um jornalista*. Rio de Janeiro: Revista da Língua Portuguesa, 1932.

_____. *O Fabordão*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.